



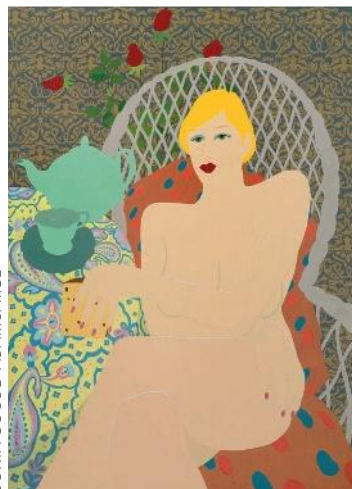
POR  
JOÃO  
PACHECO

## COLCHESTER — COBLENÇA

# Memórias de um vigilante de museu

Chama-se “She Forgot” [Ela esqueceu-se] e é uma pintura de Sonia Coode-Adams, de 1984. Até 18 de junho, está em Colchester, no Reino Unido, onde faz parte da exposição “BIG WOMEN”, no Firstsite. A curadoria é da artista britânica Sarah Lucas, que escolheu obras de artistas mulheres, entre pintura, cinema, moda e escultura. Uma boa companhia para ver esta e outras exposições pode ser o novo livro do escritor e padre Pablo d’Ors, “Espanto e Encantamento — Memórias de um Vigilante de Museu”, que é uma autobiografia de uma personagem de ficção que trabalha como guarda de museu em Coblênça, na Alemanha. Entre muitas outras linhas que merecem ser citadas, este livro de Pablo d’Ors inclui provocações como esta: “Se é verdade que a cultura ocidental está prestes a morrer, então eu quero estar no lugar da sua morte: o museu. Porque é no museu que as pessoas aprendem a desprezar a cultura — isto é um facto —, até a odiá-la ou, pelo menos, a ser indiferentes a

ela, a compreender imediatamente que se trata de um lugar exótico e irrelevante.” Por falar em lugares exóticos, a cidade de Coblênça existe mesmo, fora da ficção. Em alemão chama-se Koblenz e tem espaços onde podemos imaginar parte da ação destas memórias de um vigilante de museu. Além disso, a cidade também conta com o Theater Koblenz, um



SONIA COODE-ADAMS/MBE

espaço onde se pode encontrar uma programação variada que inclui música, dança e teatro de marionetas. Na manhã de 6 de maio, será possível assistir a um ensaio da companhia de dança do Theater Koblenz. A entrada é livre e convém chegar às 10h, para assistir aos exercícios de aquecimento. Ao longo da temporada são anunciados outros dias em que o ensaio matinal é aberto ao público. E, já a partir de 27 de maio, o Theater Koblenz é um dos parceiros da exposição “Tanz ins Zwanzigste — Tanz ins Einundzwanzigste” [Dançar para o século XX — Dançar para o século XXI]. Estará até 25 de setembro no Mittelrhein Museum Koblenz. E lembra aquela ideia de acreditar apenas num deus que saiba dançar.



BERNA REALE

## NOVA IORQUE — SÃO PAULO

# A ginástica da violência de Berna Reale

Quatro porcos puxam uma quadriga dourada. Aos comandos da quadriga, uma mulher está de pé. Com um *tailleur* azul, ar solene e colar de pérolas ao pescoço. Esta metáfora ambulante atravessa um bairro de lata de uma cidade brasileira. Os porcos foram treinados desde a nascença, para se darem bem uns com os outros. Aconselhada por veterinários, a artista brasileira Berna Reale comprou uma porca prenha, enquanto preparava a performance “Soledade”. Também foi necessário falar com quem controlava aquela área da cidade de Belém do Pará, onde a polícia não entra e o tráfico de droga faz parte do quotidiano. A preparação cuidada e longa é uma característica comum a todas as criações de Berna Reale, que apesar de ter reconhecimento nacional e internacional continua a trabalhar como perita criminal em Belém do Pará, no Norte do Brasil. Candidatou-se para ser perita criminal depois de passar oito meses a fotografar vísceras humanas numa morgue, para uma exposição que ia fazer num mercado de carne local. A partir desse momento, o trabalho profissional em cenas de crime

tem sido fonte de inspiração para muitas das criações de Reale, que é conhecida sobretudo por fazer performances, onde a violência latente serve para chocar e para nos provocar, obrigando-nos a pensar. Das performances, ficam registos em vídeo e fotografias como esta (na imagem) onde a artista dá o corpo a uma personagem que parece uma estátua equestre, em movimento lento através da manhã de uma cidade silenciosa. O cavalo move-se a passo e quase só se consegue ouvir os cascos a bater no chão da cidade. Sim, é um cavalo vermelho, montado por uma agente da polícia vestida de preto, com uma proteção facial que dá ares de açaimé. A performance chama-se “Palomo”, como o cavalo. E é de 2012, muitos anos antes de a cantora norte-americana Beyoncé ter sido retratada de uma forma parecida. Neste caso, o cavalo montado por Berna Reale é um cavalo da polícia e foi mesmo pintado de vermelho, com uma tinta inofensiva. Apenas o resultado da performance contém agressividade, dentro daquele silêncio que remete para uma sociedade amordaçada, com contornos ditatoriais. Esta imagem da performance “Palomo”

estará na capa de um novo livro sobre artistas brasileiras, que será publicado em abril pela Duke University Press, nos Estados Unidos. Chama-se “Dissident Practices: Brazilian Women Artists, 1960s-2020s” [Práticas Dissidentes: Artistas Brasileiras, 1960-2020]. E de 19 de abril a 16 de junho, este livro de Claudia Calirman será acompanhado por uma exposição em Nova Iorque na Anya and Andrew Shiva Art Gallery, que faz parte do John Jay College of Criminal Justice. Já em São Paulo, o trabalho de Berna Reale faz agora parte da exposição coletiva “Meu Corpo: Território de Disputa”, até 18 de março na Galeria Nara Roesler. A primeira performance de Berna Reale foi feita em 2009, aos 46 anos. Chama-se “Quando Todos Calam” e é a tal criação que coincidiu com a candidatura da artista ao trabalho de perita criminal. Durante mais de duas horas, ficou deitada ao ar livre, em cima de uma mesa coberta com uma toalha branca rendada. A mesa estava instalada no cais junto ao Mercado Ver o Peso, em Belém do Pará. Além de a artista estar nua, tinha tripas de vaca sobre a barriga, para atrair a atenção de urubus. Os urubus compareceram mesmo e em grande, mas tudo tinha sido pensado para a artista não correr perigo. Os urubus são necrófagos e afastam-se quando sentem o calor de um corpo humano vivo. Correu tudo bem, também em relação aos homens que vivem nos barcos junto ao sítio onde fez a performance. Noutro trabalho, Reale vestiu um hábito de freira transparente, que deixava ver o próprio corpo nu. Foi em 2010 e tem como cenário a porta de uma igreja. Chama-se “Sim, senhor” e é inspirado num caso de abuso sexual em que várias freiras foram violadas por padres, em Itália. Por falar em Itália, é claro que a arte de Berna Reale tem qualidades universais, ocupando-se de assuntos que ultrapassam as fronteiras culturais do Brasil. Por exemplo, uma das performances que criou chama-se “Ginástica da Pele” e envolveu 100 rapazes entre os 18 e os 29 anos. E dados oficiais sobre as cores da pele dos jovens presos no Brasil. E a artista vestida de polícia. A performance demorou mais de dois anos a ser preparada. E ao longo desse tempo, um dos figurantes foi pai e outro foi assassinado. Como acontece em muitas outras criações de Berna Reale, é um trabalho sobre a ginástica da violência. Cru e poético, certo e desafiante. ●

## FLASHES



### LONDRES

Estes olhos saem a quem? E este nariz? Para ajudar a responder a estas dúvidas existenciais, há três cabeças até 28 de abril na Ordovas, em Londres. A estrela da companhia é esta escultura criada talvez em 1911, por Amedeo Modigliani (1884-1920). A acompanhá-la está uma máscara Guro que pertenceu ao galerista de Modigliani, Paul Guillaume, e que foi esculpida em madeira na Costa do Marfim. O trio completa-se com a cabeça de uma figura cicládica, de 2500 antes de Cristo.



### CAMBRIDGE

Acontece quererem crescer demais. Muito antes disso, algumas civilizações precisam de aprender a gatinhar, para depois afinarem o passo. Este bebé terá sido criado entre o ano de 1600 antes de Cristo e o ano de 700 antes de Cristo. A partir de hoje e até 4 de junho, pode ser visto a gatinhar no Fitzwilliam Museum, em Cambridge, no Reino Unido. A exposição chama-se “Islanders: The Making of the Mediterranean” [Ilhéus: A Criação do Mediterrâneo] e tem tudo a ver com os últimos quatro mil anos das ilhas de Creta, do Chipre e da Sardenha.

### CIDADE DA PRAIA

Chama-se Kriol Jazz Festival e é um festival de música anual que acontece na Cidade da Praia, em Cabo Verde. De 13 a 15 de abril, este será o mundo da senegalesa Orchestra Baobab. E da voz do génio cabo-verdiano Tcheka. E do ritmo dos malianos Bamba Wassoulou Groove. Se houver estômago para mais, convém guardar tempo para uma cachupa e para o vinho branco da ilha do Fogo. E também para sair da capital e viajar pela ilha de Santiago. Na ponta oposta está o Tarrafal, onde funcionou a prisão política criada durante a ditadura fascista de António Oliveira Salazar.

## PARIS

# Retratos de um espião amador

Nápoles, 1976. Andy Warhol toma o pequeno-almoço num quarto de hotel, sem ligar ao fotógrafo. No mesmo ano, Bianca Jagger (na imagem) está numa festa em Nova Iorque e também não posa para o passarinho. As duas fotografias têm falhas técnicas, mas não faz mal. São retratos de um espião amador, roubados com a ajuda de uma máquina fotográfica minúscula, a Minox 35 EL. O que aqui importa é o momento certo, além da exclusividade de alguns ambientes onde não havia outras objetivas discretas. O fotógrafo não era fotógrafo. Bob Colacello estudou para ser diplomata e foi o braço direito de Warhol. Acompanhava-o para todo o lado, fosse uma festa numa discoteca, um quarto de hotel ou a Casa Branca. Fotografou festas e encontros com políticos, artistas, celebridades e também com frequentadores do Studio 54, o quartel-general do guru da arte



BOB COLACELLO

pop. Mais tarde, foi editor na revista “Interview”, entre 1971 e 1983. E fez parte da redação da “Vanity Fair” entre 1984 e 2017. Enquanto serviu Warhol como diplomata e espião pessoal, Bob Colacello documentou uma época, guardando imagens raras. Agora e até 4 de março, a galeria Thaddaeus Ropac tem várias dessas preciosidades em Paris, na exposição “It Just Happened, Photographs 1976-1982” [Simplesmente aconteceu, Fotografias]. Sim, aconteceu. E o espião estava lá.

## PHOTO MATON



ALBERTO GARCÍA-ALIX/FUNDACIÓN MARÍA CRISTINA MASAVEU PETERSON

Esta imagem de 2012 é do fotógrafo espanhol Alberto García-Alix, faz parte da série “Patria querida” e está agora na exposição “Miradas de Asturias”, organizada pela Fundación María Cristina Masaveu Peterson e pelo Centro Cultural Español em Miami. Até 7 de maio na Barry University em Miami, no estado norte-americano da Florida.